

UM ESTUDO EM VERMELHO, DO LIVRO AO SERIADO: UMA ANÁLISE DA METODOLOGIA INVESTIGATIVA DE SHERLOCK HOLMES A PARTIR DA TEORIA PEIRCEANA

Rayza Santos do Nascimento¹ (UEA)

Victor Leandro² (Orientador)

RESUMO: O presente estudo intenta averiguar como a teoria Peirceana, principalmente a tricotomia dos argumentos – abdução, dedução e indução – é aplicada por Sherlock Holmes na resolução dos seus casos. Apontaremos a importância do método abduutivo na sua investigação, e, também, os diferentes recursos utilizados por ele que funcionam como uma forma de afirmar a relevância da tese Peirceana. Composto o *corpus* do trabalho, temos o livro *Um estudo em Vermelho*, de Conan Doyle e o capítulo *Um estudo em rosa*, da série *Sherlock* apresentado pela BBC Londres, que nos permite verificar as adaptações feitas, assim como, confirmar a presença de um elemento que se perpetua, auxiliando na formulação de hipóteses: a criatividade.

Palavras-chave: Tricotomia dos argumentos; Peirce; Sherlock Holmes; abdução; criatividade.

ABSTRACT: The present study investigates how Peirce's theory, mainly the trichotomy of the arguments - abduction, deduction and induction - is handled by Sherlock Holmes in the resolution of his cases. We will point out the importance of the abductive method in the investigation, as well as the different resources it uses by it that functions as a way of affirming the relevance of Peirce's thesis. The corpus of the work is composed of the book *A study in scarlet*, by Conan Doyle, and the chapter *A study in pink*, of the series *Sherlock* presented by the BBC London, that allows us to analyze the adjustments made, as well as, confirm the presence of an element that is perpetuated, contributing to the formulation of the hypothesis: the creativity.

Keywords: Trichotomy of the arguments; Peirce; Sherlock Holmes; abduction; creativity.

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado por banca constituída pelos seguintes professores: Orientador: Prof. Dr. Victor Leandro da Silva; Avaliador 1: Profa. M. Sc. Elaine Pereira Andreatta; Avaliador 2: Profa. Dra. Vanubia Araujo Laulate Moncayo, reunida nas dependências da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas, no dia 6 de Dezembro de 2017.

¹ Graduanda em Letras – Português pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

² Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (2016), professor assistente da Universidade do Estado do Amazonas.

Introdução

Esta pesquisa, intitulada “Um estudo em vermelho, do livro ao seriado: uma análise da metodologia investigativa de Sherlock Holmes a partir da teoria Peirceana” consiste em examinar as etapas do método de investigação utilizado pelo detetive Sherlock Holmes, observando como ele usufrui da tríade do raciocínio de Peirce para a resolução de seus casos. Como corpus do trabalho, será analisado o texto *Um estudo em Vermelho* (2009), de Sir Arthur Conan Doyle – publicado originalmente em 1887, e o episódio *Um estudo em rosa*, do seriado *Sherlock* (2010), apresentado pela BBC Londres.

De acordo com Peirce, temos três espécies diferentes de raciocínio, sendo elas dedução, indução e retrodução (abdução). São esses processos que nos ajudam a construir novas hipóteses como forma de resposta aos eventos que nos rodeiam. Sabendo disso, a pesquisa tem por interesse analisar como é formulado o pensamento do detetive a partir do processo de decodificação dos signos que se encontram nas narrativas, acompanhando, igualmente, o modo como ele dispõe dessas três fases de raciocínio em seus métodos para solucionar os enigmas de um crime.

Tendo em vista o reconhecimento das histórias de Conan Doyle, através de seu personagem principal Sherlock Holmes, que perdura até os dias atuais, assim como a repercussão causada pelo seriado transmitido pela BBC, o trabalho em questão demonstra relevância por analisar, de modo comparativo, os corpus selecionados, dando enfoque ao processo de construção do pensamento do detetive nesses dois cenários e também percebendo as contribuições que oferece para confirmar as teses Peirceanas.

1. Peirce e o estudo semiótico

Nascido em Cambridge, Massachusetts, Charles Sanders Peirce (1839-1914) ficou conhecido por ser um dos importantes fundadores da teoria semiótica. Filho de Benjamin Peirce, renomado matemático de Harvard, cresceu cercado por famosos artistas e cientistas que frequentavam sua casa (SANTAELLA, 2012). Considerado por sua família um jovem destinado a seguir a carreira da ciência química, logo cedo, interessou-se pela área, montando, aos doze anos, seu laboratório químico (SEBEOK, SEBEOK, 2004). Devido sua admiração a esse processo de raciocínio, teve sua formação em Química, pela Universidade de Harvard. Apesar de conter graduação direcionada a essa ciência, Peirce possuía conhecimentos variados, ligados à matemática, física, astronomia, geologia, linguística, filologia, história, psicologia, dentre outras, fornecendo importantes contribuições, também, a essas áreas.

O estudo dessas diversas ciências era um modo de se dedicar à lógica, sua grande paixão. Por isso, era por meio desses estudos, a partir de numerosas experiências práticas, que buscava entender os diferentes métodos de raciocínio.

Por se dedicar durante um longo período a essas ciências, que lhe renderam bastante instrução, Peirce foi considerado um verdadeiro cientista, e também filósofo. Ainda na adolescência estudou as variadas teorias filosóficas, principalmente a teoria Kantiana, chegando a obter um profundo conhecimento sobre a *Crítica da Razão Pura*.

Com conhecimentos voltados para a área científica e filosófica, fez uma aproximação entre os dois, propondo à filosofia práticas utilizadas nas ciências como: os experimentos, hipóteses e métodos de observação. Desta forma, configurou em sua mente que a filosofia deveria trilhar os mesmos caminhos da lógica, presente nos métodos científicos (SANTAELLA, 2012).

Com os ensinamentos adquiridos desde a infância até a vida adulta – teoria lógica, filosófica e científica – Peirce formulou, gradativamente, a teoria geral dos signos (Semiótica), uma filosofia científica da linguagem. “A Semiótica ou Lógica, [...] tem por função classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis” (SANTAELLA, 2012, p. 45), ou seja, investigar todas as linguagens, examinando os modos de constituição dos fenômenos. Tais fenômenos são entendidos como qualquer coisa que apareça à mente – sonho, algo imaginável, um cheiro, uma ideia, etc.

Peirce, reconhecendo esses fenômenos, por meio da experiência, após longos estudos, dividiu-os em três categorias, de acordo com sua natureza, sendo elas: primeiridade, secundidade e terceiridade. A consciência em primeiridade é entendida como o imediato, original, espontâneo, novo, é algo que não pode ser conceituado, afirmado, pois se o assim fizer já não possui característica de primeiro. A exemplo, temos o sentimento, que é puramente o sentir, antes de ser conscientemente percebido. A secundidade é a reação, interação, estímulo, conflito; um exemplo é quando um sentimento (primeiro) nos faz ter uma reação específica, ou uma interação dialogal. Já a terceiridade é tido como uma razão, lei, que une um primeiro e um segundo em uma síntese intelectual de pensamento em signos. Essa última categoria resume a forma como compreendemos, interpretamos e traduzimos as coisas.

A partir de um fenômeno produzimos um signo, que é um pensamento que media entre a nossa consciência e o que é percebido, sendo assim,

o homem só conhece o mundo porque, de alguma forma, o representa e só interpreta essa representação numa outra representação [...]. Para conhecer e

se conhecer o homem se faz signo e só interpreta esses signos traduzindo-os em outros signos. (SANTAELLA, 2012, p. 80).

Vejam agora a definição deste novo e importante elemento da teoria Peirceana: o signo:

Um signo, ou *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen. (PEIRCE, 2012, p. 46).

Como visto, o signo é uma coisa que representa em nossa mente outra coisa, podendo ser uma palavra, uma frase, uma imagem, uma pessoa, etc. Enfim, para Peirce, estamos rodeados por signos. A coisa representada pelo signo recebe o nome de objeto, que pode ser algo concreto ou não. É ele quem determina o signo. Sendo assim, o signo não é o objeto, estando ele apenas no lugar do objeto. Portanto, só pode representar esse objeto de um determinado modo e numa certa capacidade (SANTAELLA, 2012).

Recapitulando a explicação, temos que o signo representa um objeto, esta representação é dirigida a alguém, criando na mente desta outra pessoa um segundo signo que é denominado interpretante do primeiro signo. Portanto, todo *representâmen* necessita de um interpretante, pois é ele quem permite compreender o processo de representação do objeto. Por conseguinte, esse interpretante, que é um novo signo, representará outro objeto para outro interpretante de modo *ad infinitum*, sendo este um processo de semiose ilimitado.

1.1. Ícone, índice e símbolo

Cientes da definição de signo, atentemos para a classificação desses signos em ícone, índice e símbolo.

Ícone é um signo que representa o objeto através de sua similaridade. Segundo Peirce (2012, p. 52), “qualquer coisa, seja uma qualidade, um existente individual ou uma lei, é Ícone de qualquer coisa, na medida em que for semelhante a essa coisa e utilizado como um seu signo”. Como exemplo típico para a explicação desse conceito temos a fotografia, que é considerada icônica por espelhar as características físicas de uma determinada pessoa, criando, para quem a observa, o sentimento de similitude a algo.

O índice indica algo ao que ele está diretamente ligado. “É um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse objeto” (PEIRCE, 2012, p. 52). Na medida em que o índice é afetado pelo Objeto, possui uma qualidade em comum com ele, sendo, portanto, através desta qualidade que o índice se refere ao objeto. Como exemplo de índice, podemos citar os rastros ou pegadas que, marcadas no chão, indicam que alguma coisa passou por lá.

Quanto ao símbolo, é “um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei” (PEIRCE, 2012, p. 52). A partir de uma convenção coletiva, é determinado que aquele símbolo será interpretado como referente a um determinado objeto. Sendo assim, o símbolo está no âmbito do geral e não do singular. A exemplo, temos as palavras.

1.2. Dedução, indução e abdução

Os métodos de raciocínio dedutivo, indutivo e abdução são conhecidos como tricotomia dos argumentos. Por meio deles construímos nossos pensamentos com a intenção de alcançarmos compreensão sobre aquilo que nos cerca.

Abordando mais a fundo esses termos, podemos dizer que a dedução é um argumento que pertence a uma classe geral de argumentos possíveis e que, a longo prazo, as premissas tidas como verdadeiras terão conclusões verdadeiras. É um método que prova que algo *deve ser*, por isso possui um caráter *provável* devido a razões de frequência (PEIRCE, 2012). É a construção de premissas a partir de suposições feitas através de observações.

A Indução tem a função de testar, experimentar uma hipótese, determinando seu valor e comprovando que alguma coisa é realmente operativa. Peirce (2012, p. 219) afirma que “a indução consiste em partir de uma teoria, dela deduzir predições de fenômenos e observar esses fenômenos a fim de ver *quão de perto* concordam com a teoria”. É uma suposição, por isso, a fim de sustentar um pensamento, analisa eventos que comprove sua autenticidade.

O método de retrodução ou abdução, “é a adoção provisória de uma hipótese em virtude de serem passíveis de verificação experimental todas suas possíveis consequências” (PEIRCE, 2012, p. 6). É uma técnica que sugere que alguma coisa pode ser. Das três formas de raciocínio, é o único tipo de argumento que começa uma nova ideia sendo, por isso, denominada por Peirce como Argumento Originário. Ela representa a capacidade que temos de formular suposições sobre algo através da observação e comparação dos acontecimentos.

É por meio desses conceitos aqui abordados que a presente pesquisa será embasada, propiciando nos tópicos seguintes as comparações entre os métodos de raciocínio de Peirce e a construção de pensamento do personagem Sherlock Holmes.

2. Um estudo em vermelho

O livro “*Um estudo em Vermelho*” é visto como um marco ao início da trajetória do famoso detetive, mundialmente reconhecido, Sherlock Holmes. Publicado em 1887, o enredo apresenta o encontro entre ele e seu amigo, Dr. Watson, que juntos aventuram-se na resolução do seu primeiro caso: descobrir o motivo da morte do Sr. Drebber. Mediante a este contexto, o principal objetivo da análise da trama é acompanhar o raciocínio de Sherlock para desvendar o caso que lhe fora posto.

Iniciando a leitura, encontramos uma breve narrativa da trajetória de vida de Watson e Sherlock Holmes. Este é descrito como um homem de habilidades específicas em alguns assuntos como química e anatomia, conhecimentos vistos por ele como de suma importância para auxílio em seu ofício. Ainda no primeiro capítulo, acompanhamos sua habilidade para descobertas científicas importantes, como no caso da invenção de um reagente químico ao sangue. Durante sua explicação a Watson sobre tal façanha, fica nítida sua exaltação e noção do grande avanço de sua experimentação comparado aos métodos que existiam naquele período: teste com guáiac e o exame microscópico dos glóbulos vermelhos para a detecção de possíveis manchas de sangue. Notamos que a abertura do livro se dispõe a expor as peculiaridades que faz de Sherlock um homem incomum no meio aos demais, demonstrando seu caráter científico e, portanto, investigativo que o leva a descobrimentos relevantes.

No capítulo seguinte intitulado “*a ciência da dedução*” nos deparamos, previamente, com a teoria do sótão e o método investigativo utilizado por ele. Em uma conversa com Watson sobre o por que possui um conhecimento vasto em algumas disciplinas e para outras nem tanto, tidas como básicas, no qual qualquer criança saberia responder, Sherlock explica:

– considero que o cérebro de um homem é originalmente como um pequeno sótão vazio, que temos de encher com os móveis que escolhemos. Um tolo recolhe todo tipo de trastes com que depara [...]. O trabalhador competente, porém, é muito cuidadoso com relação ao que leva para seu cérebro-sótão. Não guardará nada lá a não ser as ferramentas que possam ajudá-lo em seu trabalho, mas dessas tem grande sortimento, e todas na mais perfeita ordem [...]. É da maior importância, portanto, não ter fatos inúteis expulsando os úteis. (DOYLE, 2009, p.35).

Essa explicação nos ajuda a entender o modo de organização de seus pensamentos. Holmes considerava apenas os conhecimentos que pudessem colaborar com seus objetivos, ignorando os demais assuntos. Com isso, obtinha um nível de concentração e rapidez maior para conectar as informações necessárias para a resolução dos casos.

Continuando a análise, temos mais um fator interessante sobre a sua metodologia: a observação. Na escrita de um artigo, produzido pelo detetive a uma determinada revista da época, ele descreve uma teoria particular que explica o quanto um homem, a partir da observação, é capaz de apreender informações sobre qualquer coisa ou pessoa. Disserta que algumas expressões e olhares, dentre outros aspectos pouco notáveis, são passíveis de profundas análises se observados atentamente, podendo transparecer os mais íntimos pensamentos, sendo praticamente impossível haver algum engano nas inferências feitas pelo observador.

Para Sherlock, a dedução e observação são conhecimentos distintos, sendo aquela mais complexa, necessitando de um período mais longo para que se obtenha certo domínio na área, tempo este que, segundo ele, uma vida não seria suficiente para alcançar a perfeição. Sendo assim, o método inicial, seria o da observação que cuidaria de “problemas mais elementares” (DOYLE, 2009, p.40).

Ciente de tais técnicas, acompanharemos adiante que é por meio delas que o detetive se utiliza para construir seus argumentos e, desta forma, montar o quebra-cabeças desse caso.

No capítulo posterior adentramos no caso. O detetive consultor é solicitado para fazer a leitura do cenário. Neste momento, podemos ver de forma mais compassiva o modo como ele trabalha e o quão rápido e preciso é o seu raciocínio a ponto de, ao final de algumas horas, conseguir apresentar um parecer com detalhes que para um observador comum, como Watson e o demais investigadores, levaria mais tempo ou talvez fosse até impossível.

Diferentemente dos demais que se focam apenas no espaço em que o crime aconteceu, ou seja, na casa, Sherlock vai além, concentrando-se também nos arredores do local, tentando captar o máximo de pistas.

Ao adentrar a casa, deparando-se com o corpo, o detetive logo se dispõe a inspecioná-lo, iniciando o levantamento dos índices e fazendo suas possíveis conexões. (1) Um anel é encontrado durante a retirada do corpo levantando novas hipóteses. (2) Segundo os investigadores, o anel pertenceria a uma mulher, sendo este um novo fator a ser pensado dentro do caso. (3) Os objetos encontrados no bolso do Sr. Drebber também são lidos por Holmes como indicadores de sua riqueza, podendo ser essa, *a priori*, uma possível causa da morte. (4) As cartas, índices importantes, seriam úteis para descobrir a história da vítima. (5) Por fim, ainda é descoberto um relevante dado, a palavra “*RACHE*” escrita em letras vermelho-sangue na parede da sala. Novamente fazem a ligação deste signo a uma mulher, compreendendo que a intenção do criminoso seria a de escrever o nome feminino *RACHE(L)*, mas tal hipótese logo é contrariada pela interpretação de Sherlock que, devido seu

conhecimento variado, explica que nada tem a ver com uma mulher e que se tratava de uma palavra alemã, cujo significado é vingança.

Após examinar a sala nos pormenores com a ajuda apenas de uma lupa, fita métrica, seus conhecimentos particulares e seus cinco sentidos bem aguçados, ele chega às seguintes hipóteses:

- i. Trata-se de um assassinato por envenenamento.
- ii. O assassino era um homem novo, media um metro e oitenta, usava botas de bico quadrado e havia fumado um charuto *Trichinopoly*, possuía, provavelmente, rosto avermelhado e unhas da mão direita de comprimento longo;
- iii. O deslocamento com a vítima teria sido por meio de um fiacre de quatro rodas, no qual ele detalha até as ferraduras do cavalo.

Observamos que “É a partir desse ato intuitivo de congregar indícios que Holmes é capaz de formular suas hipóteses, embora ele tenda a colocar ambos os processos perceptivo e hipotético sob a rubrica de observação” (SEBEOK, SEBEOK, 2004, p.25).

O Sherlock Holmes do século XIX parece alinhado à ciência exata da época, sendo um homem calculista, cumprindo com exatidão suas análises. Seu domínio sobre cálculos matemáticos, entendimento sobre outras línguas e também a sabedoria em distinguir cinzas de charutos são interpretados como conhecimentos adquiridos por poucos àquela época, sendo este tipo de mestria o seu diferencial e seu maior apoio para abduções.

No decorrer do caso notamos outras ações utilizadas por ele para organizar melhor seus pensamentos. Uma delas são suas perguntas precisas que, dependendo da resposta, eliminam possíveis dúvidas que tenham sido criadas durante o processo de dedução. Essa metodologia assemelha-se ao processo indutivo de Peirce, no qual as hipóteses são testadas, restando apenas as mais relevantes, que tendem a levar grande probabilidade de certeza.

Outro artifício utilizado por ele são as comparações com outros casos. Isto o ajuda a ter uma noção de como as coisas possivelmente teriam acontecido devido à repetição das ações em crimes semelhantes, sendo assim, Sherlock Holmes dá muita importância ao conhecimento da história do crime, em suas minúcias, pois, segundo ele “há uma forte semelhança de família entre os delitos, e se você tem todos os detalhes de um milhar deles na ponta dos dedos, seria estranho que não conseguisse desvendar o milésimo primeiro” (DOYLE, 2009, p. 41).

Segundo Marcello Truzzi (2004, p. 75) “Sherlock vê o acesso à verdade em termos de um confronto de hipóteses”. É desta forma que ele chega ao verdadeiro assassino do Sr. Drebber. Com dois suspeitos indicados pelo investigador Lestrade e Gregson, é com a morte

de um deles, – Joseph Stangerson, secretário da vítima –, que vão sendo eliminadas tais hipóteses e surgindo novos dados que o encaminham para o fim da investigação.

Nesta segunda cena do crime, local onde Joseph Stangerson é encontrado, a palavra *RACHE* é novamente escrita, agora, sobre o morto, confirmando a ideia de que ambas as mortes ocorreram por vingança a algo do passado. A comprovação de que a primeira morte tenha sido por envenenamento é intensificada com a aparição de um frasco, no quarto da segunda vítima, contendo dois comprimidos. Para comprovar sua tese sobre a causa da morte, Sherlock faz um teste com as duas pílulas, dando-as a um cachorro que logo após ingerir o segundo comprimido acaba morrendo. Devido a esta atitude podemos concordar com o pensamento de Marcello Truzzi de que

para Sherlock, sua preocupação com a verificação empírica das conjecturas é um ponto central de sua abordagem básica. A ênfase que ele dá à indução tem na base um certo temor de um descolamento conceitual do mundo ‘real’ dos fenômenos observáveis (TRUZZI, 2004, p. 68)

No penúltimo capítulo do livro, os envolvidos na investigação do caso têm a oportunidade de saber como todo o processo do crime foi feito, a partir do depoimento de Jefferson Hope, cocheiro, responsável pelas duas mortes, capturado na casa de Sherlock Holmes a partir de uma armadilha feita pelo detetive. Sua fala apresenta os detalhes do crime, sanando as possíveis dúvidas de como e por que tudo ocorreu.

No capítulo final, temos a conclusão. O detetive consultor expõe todo o processo lógico utilizado para a obtenção de resultados do enigma. O primeiro ponto enfatizado é o seu modo analítico de pensar, de trás para frente, dos resultados para os acontecimentos, em seguida, explica a Watson todas as etapas de seu raciocínio:

1. A partir das marcas do estreito eixo das rodas, formulou a hipótese de que um fiacre esteve na rua, onde se localiza a casa, na noite do crime;
2. Pegadas encontradas na trilha do jardim indicavam que dois homens haviam passado por ali primeiro;
3. Pelo método de exclusão, analisando as feições da vítima e cheirando sua boca – que continha um hálito azedo –, deduziu que se tratava de envenenamento;
4. Descobriu o motivo da morte a partir da inscrição na parede e da aliança, tratava-se de vingança, devido a alguma mulher;

5. Examinando a sala conseguiu calcular a altura do assassino; a cinza do charuto trouxera-lhe informações a mais; e o sangue encontrado no chão seria do assassino, pois fluía na direção de suas pegadas;
6. O envio de um telegrama à polícia de Cleveland, localidade de onde as vítimas vieram, lhe rendeu a informação de que Drebber já havia pedido proteção de lei contra um rival chamado Jefferson Hope, e de que esse mesmo Hope encontrava-se na Europa;
7. O homem que entrou na casa junto com Drebber era o mesmo que conduzira o fiacre;
8. O achado das pílulas confirmou a hipótese da morte por envenenamento;

Durante essa explicação à Watson, sobre o passo a passo de cada índice, é clara a aptidão do detetive para alguns assuntos. Como dito, Sherlock possui uma organização mental muito boa, direcionada para o seu trabalho. Nela consegue guardar detalhes de outros crimes que tenham acontecido levando-o a fazer comparações e construir hipóteses mais rapidamente, a partir de associações, pois, segundo ele, “não há nada de novo sob o sol. Tudo foi feito antes” (DOYLE, 2009, p. 62).

Suas habilidades com seus cinco sentidos também são bem marcadas. A observação das feições da vítima, indicando sentimentos de ódio, raiva, força; seu reconhecimento olfativo possibilitando a dedução de ingestão de veneno; a sensibilidade de sua audição para reconhecer a chegada de alguém em seu apartamento. Todos muito bem treinados, principalmente a visão, possibilitando a observação de detalhes que passam despercebidos aos demais, assim como, a sua atenção a eventos cotidianos que lhe indicam como comumente algumas ações ocorrem.

Além disso, há seus conhecimentos a mais, direcionados a temas muitas vezes negligenciados por muitos, mas que no fim são de muita importância, sendo este seu diferencial dos demais investigadores. Aprendizados ligados à reconstituição de pegadas, análise de cinzas de cigarros, diferenciação de aros de rodas de cabriolés, suas descobertas químicas no laboratório, dentre muitas outras que são apresentadas no decorrer de sua totalidade literária, e que àquela época já impressionava seus leitores.

Por fim, temos o seu método lógico dedutivo, que, a partir de todos esses fatores mencionados acima, possibilita a validade de seus pensamentos, potencializando a formação de premissas que, sendo testadas ao longo das apresentações dos fatos, são tidas, ao final, como verdadeiras, fornecendo a resolução dos enigmas.

3. Análise fílmica – um estudo em rosa

Sendo a série *Sherlock* da BBC Londres uma adaptação dos textos de Conan Doyle, encontramos em seus capítulos algumas mudanças na história exatamente por ser contextualizada ao cenário de Londres do século XXI. Devido a isto, a análise deste capítulo se torna relevante por examinar como o detetive da contemporaneidade dispõe as informações para solucionar os eventos sucedidos. Outro aspecto a ser observado são os métodos lógicos utilizados, em especial o processo abduutivo, que, por possuir um caráter criativo e inovador potencializa o processo de conhecimento, sendo, portanto, um elemento semiótico de bastante valor, que tem ganhado espaço, inclusive, na ciência contemporânea.

Como dito, o enredo possui alterações, e a primeira que encontramos no seriado é a presença de quatro vítimas. Tais mortes são tidas como semelhantes por serem interpretadas como suicídios, e também pelo fato dos corpos serem localizados em ambientes estranhos a rotina dessas pessoas.

A ação de Sherlock Holmes na investigação acontece a partir da aparição da quarta vítima, uma mulher de nome Jennifer Wilson. Nesta morte, ao contrário das anteriores, é deixado um bilhete. Chegando ao local onde se encontra o corpo Sherlock se transforma, aflorando todos os seus cinco sentidos a fim de recolher o máximo de informações possíveis. Seu primeiro olhar é lançado para as unhas da mão esquerda da mulher, que se encontra debruçada no local. Ele observa que elas estão descascadas e conclui que o “bilhete” deixado no local, que no caso é a palavra *rache*, foi marcada no chão pela vítima, em seus minutos finais de vida, através das unhas. A partir disto tal signo carrega uma grande importância já que foi deixado de forma pensada para a indicação de algo, pois tal esforço não seria feito sem um motivo. Após essa primeira análise, ele se dispõe a interpretar o significado daquela palavra. De imediato são criadas duas hipóteses, a primeira é a de que seria uma palavra alemã cujo significado é vingança, e a segunda, que poderia se tratar do nome de alguém – *Rache(L)* –.

Analisando a vítima ele examina os indícios que possibilitam a criação de suas hipóteses. Desta forma, temos os seguintes levantamentos:

- (1) Observação das vestimentas. Por meio do tato percebe que a parte de trás de seu casaco está úmida, assim como a gola, logo, ela teria pegado chuva.
- (2) O guarda-chuva da vítima está seco, levando à conclusão de que não fora utilizado, pois supostamente teria sido uma chuva com forte ventania.

(3) Verifica o estado das joias da vítima. Os brincos, cordão e pulseira estão limpos. A aliança está suja por fora. Ele analisa o provável tempo de uso do anel.

(4) Ao remover a aliança do dedo e observar que se encontra limpa por dentro, conclui que para se manter nesse estado por tanto tempo, ela a retirava frequentemente. Devido a este pensamento, ele cria a hipótese de que ela queria ocultar que era casada para outras pessoas, portanto, teria amante(s).

A partir de conhecimentos prévios de como as coisas normalmente acontecem em determinadas situações, ele conjectura o que teria acontecido com a vítima.

Depois de levantadas suas hipóteses, por meio da observação, o detetive consultor pede a análise de seu amigo médico. Watson conclui que a mulher, provavelmente, teria sofrido asfixia, desmaiando e sufocando no próprio vômito. Descarta a hipótese de ter consumido álcool, e supõe uma possível convulsão, talvez por meio de drogas. A partir dessa análise, a dedução de Sherlock de que a morte, possivelmente, ocorrera por envenenamento é intensificada. Neste caso, as contribuições do parceiro são importantes “apenas para verificar suas hipóteses. Watson representa a garantia inquestionável de que as hipóteses de Sherlock não podem ser mais falsificadas” (ECO, 2004, p. 241), por isso ele tem apenas a função de confirmar o que para o detetive já está claro.

Para explicar aos investigadores da Scotland Yard como chegou a tais conclusões, Sherlock utiliza-se do raciocínio retrospectivo. Reconstitui as condições pelas quais Jennifer Wilson passara antes de sua morte, comprovando seus indícios por meio de detalhes ignorados pelos demais. Sua reconstituição advém do senso comum, que acontece a partir das observações das ações de pessoas no cotidiano, sendo uma lógica natural, no qual todos nós utilizamos no dia a dia, mesmo sem perceber.

Após a explicação, ele ainda lança sua última observação. Reconhecendo marcas de respingos de lama no calcanhar e panturrilha da perna direita da vítima, deduz que ela carregava uma mala de rodinhas. O interessante da cena é que não há mala no local, tendo ele a missão de encontrá-la, pois, tal objeto, contendo pertences da vítima, o levaria a mais informações sobre Jennifer que talvez ajudasse a entender a função do nome marcado no chão, – *Rache* –, e, conseqüentemente, o motivo da morte.

Apesar de afirmar ser um erro teorizar sem possuir evidências suficientes, o detetive por vezes se contradiz. Ao sair do local do crime Sherlock já possui algumas teorias provisórias. Segundo ele, (1) houve envenenamento; (2) as mortes não foram suicídios e sim assassinatos, sendo mortes em série (*serial killer*); (3) o assassino teria dirigido até a casa, onde a última vítima fora encontrada, e se esquecera de retirar a mala do carro.

Durante a explicação desses detalhes aos investigadores Lestrade e Watson, Sherlock tem um *insight*, que para Peirce (2010, p. 221) é interpretado como um instinto, intuição, que nos leva a hipóteses bem próximas da verdade. Como a mulher está totalmente vestida de rosa, combinando até os sapatos e as unhas na mesma tonalidade, ele supõe que com a mala não seria diferente. Com esta hipótese, ele já sabe que a mala que procura é de cor rosa e de proporções pequenas, e que havendo o assassino percebido a falha de carregar consigo tal objeto, logo arranjará um jeito de se livrar dele, para excluir qualquer suspeita.

Acompanhando toda essa sequência de reflexões, podemos concordar com a colocação de Marcello Truzzi (2004, p. 72) de que “a observação de Sherlock atinge não apenas os fatos e eventos observados, mas também a ausência deles”. O raciocínio de Sherlock é incrivelmente rápido, e tal façanha é bastante enfatizada no seriado. Estamos

diante de um raciocinador completo cuja mente tem a capacidade de atravessar com extrema rapidez uma longa série de estágios intermediários do pensamento, seguindo todas as regras da dedução, sem que ele mesmo esteja consciente disso. (HINTIKKA, HINTIKKA, 2004, p. 181).

Após conseguir encontrar a mala, o detetive sente falta do celular, elemento fundamental para qualquer pessoa na atualidade. Ele cria a hipótese de que este objeto esteja com o assassino. Descobrendo o número da vítima, manda uma mensagem para o celular, de modo a fazer acreditar que a mulher ainda estaria viva. Essa atitude confirma sua suposição, pois de imediato recebe uma ligação com número restrito, ligação esta que certamente seria do assassino. No corpo da mensagem, Sherlock propõe um local para o encontro entre a dona do celular e quem quer que esteja portando-o. Neste pensamento ele acredita que o *serial killer* apareceria no lugar marcado para confirmar se sua vítima estaria realmente viva. Esta é mais uma confirmação do uso da imaginação humana para a criação de hipóteses que oriente aquilo que se quer descobrir. Ao se colocar no lugar do assassino, Sherlock imagina como ele agiria em meio a essas circunstâncias.

Mais adiante, vemos que as hipóteses formuladas por Sherlock vão sendo confirmadas. As investigações policiais comprovam que o nome deixado no local do crime estava realmente associado a uma pessoa. Rachel era o nome da filha de Jennifer. Com essa afirmação, Sherlock tenta deduzir a importância desse dado.

O detetive novamente tem um *insight* conseguindo associar o nome Rachel à senha do e-mail deixado na mala, desta forma, tem a possibilidade de rastrear o celular que está sobre a

posse do assassino. Vemos que ele leva em consideração aspectos do uso comum, por vezes ignorado pelos demais, faz a ligação das pistas e mais uma vez confirma a dedução.

Ao fazer a localização do celular pelo GPS, Sherlock tem a surpresa e o fechamento do caso. O endereço aponta para a sua casa, o criminoso se encontra a sua porta. Sem que ninguém perceba tal descoberta, Holmes desce com ele e se dirige ao táxi. A associação ao táxi é feita, o *serial killer* exercia a função de taxista, suas vítimas eram os passageiros e os crimes eram cometidos sem nenhuma suspeita.

Para comprovar o modo como as pessoas morriam, o detetive assume o papel de passageiro e entra no táxi. Assim, ele comprova que as mortes ocorriam por envenenamento. O taxista possuía dois comprimidos, no qual um continha o veneno e o outro não, as vítimas tinha a escolha entre um dos dois, ao final, ambos tomavam e apenas um morria, sendo uma questão de “sorte”.

Considerações finais

Nas análises feitas, foi possível observar como o detetive se utiliza da tríade dos argumentos em eventos do senso comum, apresentando o processo de raciocínio humano para a resolução de situações problemáticas da vida real. Sendo este contexto cotidiano da aplicação da ciência, racionalidade, e a obviedade de seu método, que chama a atenção, surpreendendo o leitor.

De acordo com Thomas Sebeok e Jean Sebeok (2004), Sherlock parece dominar aquilo que Peirce estabeleceu como *logica docens* – uma lógica mais sofisticada praticada por lógicos, cientistas, médicos e detetives – que pode ser ensinada de modo autoconsciente. Mas que, para se alcançar tal nível, antes é necessário praticar a *logica utens* que é comum a todos, utilizada no dia a dia para se chegar à verdade sem, neste caso, ter consciência para explicar os procedimentos de tal método. Sabendo disso, temos aqui a principal diferença entre Sherlock e os demais investigadores que compõem o caso: a agilidade de raciocínio, que só é possível por meio da constante prática.

No decorrer da pesquisa, acompanhamos o quanto Holmes contribui na confirmação das teses peirceanas. Suas observações minuciosas com conclusões precisas e seus conhecimentos variados, dentre eles a história do crime, permitindo comparações entre os delitos, são métodos utilizados que confirmam o pensamento dedutivo, pois, a partir da contemplação da recorrência de eventos do seu cotidiano ele tem a capacidade de perceber, através de elaborações mentais, as prováveis relações entre as coisas, mesmo não estando explicitamente mencionadas. O raciocínio indutivo, que adota uma conclusão como

aproximada à verdade, também é visto nos enredos. Sherlock adota hipóteses que são confirmadas no decorrer dos eventos, a partir de testagens, como, por exemplo, a inferência de morte das vítimas por envenenamento. Já a Retrodução é bem marcada em todo o processo de raciocínio. Ele demonstra que a partir da observação e também por meio da reconstituição imaginativa, é possível construir variadas hipóteses provisórias do que teria acontecido.

Além disso, outro ponto importante a ser apontado é a relevância da imaginação em suas abduções. Colocando em paralelo o livro e a adaptação do seriado, notamos que um fator continua presente: a criatividade humana para a formulação de hipóteses. A adaptação nos mostra que, apesar das tecnologias advindas com o passar do tempo e dos novos métodos investigativos, a livre interpretação e inventividade são fatores importantes para o alcance do conhecimento e, portanto, o avanço científico.

Referências

DOYLE, Arthur Conan. *Um estudo em vermelho*. Trad. Maria Luiza de X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ECO, Umberto. *Chifres, cascos, canelas: algumas hipóteses acerca de três tipos de abdução*. In: Eco, Umberto. SEBEOK, Thomas A. *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HINTIKKA, Jaakko. HINTIKKA, Merrill B. *Sherlock Holmes em confronto com a lógica moderna: para uma teoria da obtenção de informação através do questionamento*. In: Eco, Umberto. SEBEOK, Thomas A. *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PEIRCE, Charles. S. *Semiótica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SANTELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SEBEOK, Thomas A. SEBEOK, Jean. “*Você conhece meu método*”: *Uma justaposição de Charles S. Peirce e Sherlock Holmes*. In: Eco, Umberto. SEBEOK, Thomas A. *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TRUZZI, Marcello. *Sherlock Holmes: psicólogo social aplicado*. In: Eco, Umberto. SEBEOK, Thomas A. *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

UM ESTUDO EM ROSA. Direção: Paul McGuigan, Produção: Steven Moffat e Mark Gatiss. Londres e Cardiff. BBC, 2010, Netflix.